

Reflexo da Alma

Efigênia Coutinho

{ Balneário Camboriú-SC }

Palavras nuas, despidas pela ventania,
compactuam com o tempo entre aspas
no infinito, a garganta estrangulada pela
lágrima, salgando a alma e o corpo!

Soberba, a alma de tantos sonhos!
Haverá um amanhã que se possa
dar um Bom Dia, cheio de Alegrias,
ascender lampejos dentro do peito?!

Saltam ramos pelo vento, passando
com toda potência, sem regras ou
normas estabelecidas, vai arrasando
um coração...Há pressa de viver...

Aonde vão, não sabem, nem a que
porto ancorar os sonhos, deitados
em granito, abraçados ao banco de
sol, entalham suas Almas ao Reflexo!

Pizzaria e Lanchonete Dom Silvério - Forno à Lenha

⇒Praça Gomes Freire, 242 - Centro - Mariana/MG /// Fone: 0 (XX) 31 - 3557-2475

Fazer ou não fazer

Andreia Donadon Leal - Mestranda em Literatura-Cultura & Sociedade pela UFV

Os primeiros passos de quem cria um movimento, muitas vezes não são compreendidos e aceitos no início, talvez nem no andar da “carruagem” ou no final do caminho. O novo estranha, choca, desagrada a gregos e a troianos, principalmente aos defensores de correntes tradicionalistas. O rompimento, a quebra de barreiras conhecidas e consagradas de produção é pisar em ovos crus; é colocar a cabeça à bala e à prova de fogo. É ser vitrine. Não só sujeita a trincar, mas a receber pedras e se estilhaçar. Há pessoas que não suportam pressão. Há grupos que não sobrevivem às primeiras pedras. Há grupos que não suportam o fato de serem rechaçados e invejados. Não há nada mais pernicioso do que o sentimento de inveja. Já disse o grande Artur da Távola em um de seus belíssimos aforismos: “quando a mídia não consegue derrubar, acaba consagrando”. É difícil conviver aos ataques ferozes, mas é preciso continuar o caminho com passos firmes e não se deixar abater e derrotar.

- Quem é dono da verdade?

Às vezes, o pioneiro de um movimento, seja literário ou artístico, não faz coisas mirabolantes, convincentes, mas deu o primeiro passo. Suas primeiras tentativas não foram tão brilhantes, mas posteriormente foram repensadas e lapidadas por outros grupos. Cecília Meireles retrata em sua crônica, “Precursoras Brasileiras”, sobre as pioneiras em diversas áreas do conhecimento; a primeira médica, a primeira maestria, a primeira atriz, a primeira aviadora, etc. A escritora diz que ser o primeiro em qualquer coisa nem sempre é uma grande virtude; pode ser simples casualidade, mas uma casualidade importante. “O pioneiro não faz, obrigatoriamente, as melhores coisas; mas, às vezes, o difícil mesmo é começar – e depois que alguém deu um passo, embora não muito seguro nem muito avançado, já o caminho pode ir ficando mais compreensível, e daí por diante a marcha se vai fazendo como por si mesma, rápida e natural”. Cecília Meireles deixou uma obra vastíssima para a humanidade. Um dos vultos mais destacados e importantes da poesia em Língua Portuguesa; por sua qualidade poética, marcou a história de nossa literatura no século XX, nos versos líricos de traços místicos, nos registros em suas crônicas sobre o mundo,

sobre os fatos no Romanceiro da Inconfidência, um dos pontos mais altos de seu trabalho e sua dedicação ao público infantil nos clássicos Ou isto ou Aquilo, de 1964.

Podemos citar, também em brevíssimas linhas, a Semana da Arte Moderna, hoje estudada e valorizada no país e nas aulas da história da Literatura Brasileira. Sabemos que o movimento de 1922 foi alvo de grandes críticas e em parte ignorado. Não foi compreendido, nem bem visto na época. O objetivo da semana era a renovação das artes plásticas, da literatura, da música, enfim da cultura brasileira em relação aos movimentos de vanguarda europeus em busca de uma linguagem autenticamente nacional, ou seja, a criação de nossa identidade. Foi uma época de polêmicas, de provocações e de brigas estéticas. O movimento deu um grande passo para a conquista da arte brasileira da atualidade.

Romper barreiras formais de produção não é caminhar no Jardim do Éden nem no País das Maravilhas. É dar a cara a tapa. É liberdade de pensamento e de criação artística, sem medo de represálias e de críticas. É liberdade de expressão, sobretudo coragem de escrever e de concretizar novas ideias.

Vivemos em um país democrático não só politicamente, mas culturalmente. A vida é feita de opções. Fazer algo relevante ou ficar sem fazer coisa alguma. Somos livres para criar e continuar a fazer coisas em que acreditamos. Os outros também são livres para discordarem de nossas teorias e de nossas experimentações. Os mais tradicionais se deterão apenas nos pontos a serem mais elaborados ou totalmente modificados, discordarão de tudo e repetirão a trajetória e a história de movimentos consagrados. Os pensadores vão apontar possíveis falhas e sugerir nesses casos, reparos; mas também destacarão pontos significativos e relevantes. Outros vão ignorar seja por inveja, descrença ou por falta de competência mesmo. Muitos não argumentarão, ficarão quietos à espera de alguma repercussão, seja negativa ou positiva; esses são os famosos “em cima do muro”, e outros não opinarão porque não querem ou não têm interesse no assunto. Mas o x da questão é: ficar na mesmice, repetindo formas consagradas do passado ou, ousar dar o primeiro passo.

ALDRAVIAS

O QUE É ALDRAVIA?

Trata-se de um poema sintético, capaz de inverter ideias correntes de que a poesia está num beco sem saída. Essa forma nova demonstra uma via de saída para a poesia – **aldravia**. O Poema é constituído numa linométrica de **até 06** (seis) **palavras-verso**. Esse limite de 06 palavras se dá de forma aleatória, porém preocupada com a produção de um poema que condense significação com um mínimo de palavras, conforme o espírito *poundiano* de poesia, sem que isso signifique extremo esforço para sua elaboração.

ANDREIA DONADON LEAL:

cai
de
mim
lágrimas
de
saudade

GABRIEL BICALHO:

uma
flor
cai:
aldavia
ou
haikai?

J. B. DONADON-LEAL:

chuva
cai
no
telhado
sonho
molhado

J S FERREIRA:

caía
ávida
vida
vívida
à
revelia!



Computadores, acessórios, manutenção e rede. Fone: 0-31-3832-1462
Av. Castelo Branco, 180-A - Centro - Santa Bárbara/MG.



TRANSAMÉRICA FM 92,5
(031) 3832-2300 ou (31) 3832-1082
SANTA BÁRBARA / MINAS GERAIS



Aldravia

{ a consagração desta forma poética }

J. B. Donadon-Leal
Pós-Doutor em Análise
do Discurso / UFOP
jbdonadon@hotmail.com

Dada a repercussão havida com o lançamento das aldravias na edição anterior deste jornal cultural, atendo à solicitação de leitores para discorrer um pouco mais sobre essa nova forma de poesia. Vários poetas de diversas partes do país já estão produzindo aldravias e confessam entusiasmo com essa nova forma poética, especialmente porque ela envolve, embriaga, vicia.

Aos tipos líricos de poesia mais tradicionais (acalanto, acróstico, balada, canção, cantata, canto real, gazel, glosa, haikai, lira, madrigal, noturno, parlenda, rondó, soneto, trova e vilancete) a aldravia acrescenta um tipo de poesia ainda mais sintético que o haikai e a trova. Das dezessete sílabas do haikai, a aldravia tem apenas seis palavras dispostas em seis versos.

O que se sabe da origem de cada um desses tipos de poesia? Quase nada. As formas de poesia são consagradas com o tempo, mas a memória de suas fundações quase sempre é ignorada. Como precisar a origem do acalanto? O ato de ninar uma criança deve ser tão natural quanto à maternidade. As formas poéticas destinadas ao canto também são tão antigas quanto a humanidade. A função poética da linguagem, aquela de Jakobson, que trata da fala natural e não de produções textuais elaboradas, essa que pressupõe a musicalidade e a poeticidade da fala algo da natureza da linguagem, nos leva à crença de que vários tipos de poesia surgiram da espontaneidade da criação linguageira. Talvez não precisasse de um mentor intelectual para burilar uma forma para ser cantada. Certas quantidades de sílabas são talhadas à musicalização – as redondilhas maiores, por exemplo, ou os decassílabos, que jogadas na produção natural da linguagem resultam em músicas que, repetidas, ficam na memória coletiva e se multiplicam seguindo as mesmas

métricas consolidadas pela reiteração. Talvez se possa dizer o mesmo em relação ao haikai, poesia japonesa em forma de canto que atingiu seu ápice com Matsuo Bashô.

Do soneto, especula-se que teria sido criada por Jacopoda Notaro, no Séc. XIII, para ser declamado na corte de Frederico II, mas foi consagrado quase um século depois por Petrarca, que o aperfeiçoou e produziu uma quantidade relevante desse tipo de poema.

No século XX surgiram algumas formas poéticas e merecem destaque – a poesia concreta, de caráter experimental em que se dispõem palavras espacialmente para produzir comunicação visual; a poesia neoconcreta, com o acréscimo da experimentação geométrica nessa disposição espacial de comunicação visual; e a poesia praxista, que buscou estrutura dinâmica que se deixa à influência do leitor. Em todos esses casos, essas experiências poéticas pecaram pela complexidade e grau de dificuldade de interpretação. Isso criou alto grau de rejeição de ver naquelas produções algo que se identificasse como poesia.

O Movimento Aldravista desde sua origem buscou encontrar parâmetros de poeticidade na simplicidade, de forma que a proposta poética tenha poeticidade mas seja compreensível, como se o poeta tivesse buscando encontrar a poética na própria fala. Nessa busca, encontrou-se no haikai o que estaria mais próximo dessa pretensão. Simplicidade e poeticidade, conteúdo com economia de palavras, bem no propósito *poundiano* de poesia. No entanto, os aldravistas imaginaram que era possível ir mais longe nessa senda da poesia sintética. Além da síntese, era preciso manter a mais sublime característica das ações humanas: a liberdade.

Nesse espírito, pensando poeticidade como propriedade intrínseca da linguagem humana, é que Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, J S Ferreira e eu propusemos a aldravia como nova forma de poesia.

Nas discussões dos aldravistas na concepção da aldravia, Gabriel Bicalho pondera que, se os provérbios podem ser densos de conteúdo com seis ou sete palavras (Diga com quem andas; direi quem és. Casa de ferreiro, espeto de pau), a poesia também poderá assim ser, ainda mais que o poeta pode se dar ao luxo de usar somente palavras essenciais para a composição do conteúdo pretendido. Mais uma vez, o máximo conteúdo no mínimo de palavras com a musicalidade e a plasticidade da poesia. Em função disso, o grupo, por consenso, definiu a aldravia como poema sintético de seis versos de uma palavra sobrepostos na linha vertical.

Mais que isso, a aldravia, para manter o bastião do aldravismo – a liberdade – pode contemplar em suas composições qualquer tipo de motivação lírica: ode (homenagem a algo ou alguém); elegia (saudades ou melancolia); idílio (culto à natureza); epitalâmio (homenagem a núpcias) ou sátira (crítica a algo ou alguém). Como se vê, a aldravia é apenas um envelope simples capaz de abrigar qualquer proposição temática, com o máximo de poeticidade.

Alerta: aldravia vicia, mas esse vício faz bem ao espírito criador.

gabriel bicalho

salvar
o
lirismo
do
profundo
abismo!

avia
à
mente
bouquet
de
aldravia

j. b. donadon-leal

andrea donadon leal

palavras
fogem
de
mentes
sem
ideias

na
serra
brancos
lençóis
de
chuva!

j.s.ferreira





Rua Praia do Canela, nº 85 - Barro Preto/Mariana-MG

Telefone:
(31) 3557-2873



só aldravias só aldravias só aldravias só aldravias

Luiz Gondim
{ RJ / RJ }

na
aldravia
o
belo
se
resume

orvalho
sem
licença
pousa
na
flor

desprezei
minas
particulares,
preferi
Minas
Gerais

como
equilibrar
equações
em
cada
ausência?

brotam
flores
do
chão
onde
pisas

e
adianta
tentar
consertar
vaso
quebrado?

basta
uma
estrela
em
meu
céu

mensagens
geométricas
no
voo
da
gaivota

é
quando
tua
presença
dispensa
palavras

roda
da
vida
em
giro
implacável

quero
vestir
tua
noite
despindo
censuras

aquela
mãozinha
estendida
espreme
minha
consciência

Fabício Avelino
{ Barbacena / MG }

curto
e
grosso
o
não
exposto

tropeço
no
trópico
e
estatelo
utópico

verso
breve
brisa
leve
escreve
verve

da
cama
à
lama
surdo
reclama

luto
em
vida
de
sol
poente

do
pó
ao
nó
atado
só

Goretti de Freitas
{ Ipatinga / MG }

no
trem
da
noite
tateio
silêncios

sou
passageiro
do
trem
da
esperança

o
trem
vai
empurrando
o
vento

sobre
dormentes
da
linha
acordes
soam

lenços
brancos
acenam
para
o
trem

a
eterna
magia
viaja
de
trem



LOJAS AMOR EM PEDAÇOS / REDE ➡ FONES: **3557-1446 ➡ 1399 ➡ 3299 e ➡ 2597.**
RUA FREI DURÃO, 216 - 226 - 232 e 238 = MARIANA/MG.



só aldravias só aldravias só aldravias só aldravias

Cecy Barbosa Campos
{ Juiz de Fora / MG }

dama
da
noite
perfuma
quarto
vazio

cabelos
molhados
gingando
faceiros
ao
vento

luar
indiscreto
banhando
meu
corpo
despido

estrelas
choram
lágrimas
prateadas
lamentando
ausência

pássaros
cumprimentam
o
sol
sinfonia
matinal

flores
chorando
tristeza
dentro
da
jarra

Amélia Luz
{ Pirapetinga / MG }

palavras
resmungam
aldravias
nos
meus
ouvidos

meu
pensamento
roda
mundo
versejando
profundo

sou
teia
aranha
que
fio
acompanha

colombina
arlequim
pierrô
chororô
sem
fim

lágrimas
joguei
fora
felicidade
chegou
agora

trem
de
ferro
estação
saudosa
recordação

Luiz Poeta
{ RJ / RJ }

mar
amniótico
feto
respira
sem
aparelhos

girassóis
pulsam
tela
de
Van
Gogh

sem
pressa
aracnídeo
espreita
a
presa

monalisa
imortalizou
Da
Vinci
num
sorriso

no
inefável
riso
chapliniano
lírica
tristeza

vocês
poetas
eternizam-se
no
meu
coração!

Marisa Godoy
{ Ponte Nova/MG }

abelha
morta:
menos
mel
no
pote

casa
gradeada
portão
trancado:
sou
livre?

**Maria Beatriz del
Peloso Ramos**
{ RJ / RJ }

pulsa
duplo
azul
na
paisagem:
verão!

mar
arado
pelos
olhos
colho
saudades

saudades
amuleto
líquido
usado
no
peito



**Eletrópolis Ltda.**
Fone: (31) 3557-2787
➡ **Rua 16 de julho, 334 - Centro - Mariana/MG**

**ATELIER CACÁ DRUMMOND**
FONES: (31) 3558-6767 OU 9967-6767
Rua Dom Silvério, 303-Centro-MARIANA - MG





Comentários de Giane Pereira Soares

Na última sexta-feira, (dia 08 de dezembro de 2010) o Espaço Haroldo de Campos da Casa das Rosas, na Avenida Paulista, foi beatificado pela arte consistente dos poetas mineiros aldravistas, os escritores J B Donandon Leal, J S Ferreira, Andreia Donadon Leal e Gabriel Bicalho e o músico e jornalista do Jornal Aldrava Cultural, Thiago Caldeira da Silva. Com o mega empresário português do Grupo Siram, Dr. Silvio Santos, que está trazendo através da 4Life, o essencial Fator de Transferência, produto que aumenta a resposta imunológica dos doentes de câncer, estivemos a representar o querido amigo de ambos, Édison Almeida, escritor brasileiro (AVATAR) e ativista ambiental, radicado na Ilha da Madeira. Interessante situação a de esperar normalidade, orar para ouvir poucos palavrões metidos a poesia, e encontrar qualidade excepcional.

JB Donadon-Leal quase me mata ao ler a poesia que escolheu para abrir o sarau, senti-me como alguém que cochilasse na rede e fosse despertado por saraivada de fogos que amigos traquinas tenham lançado sob a mesma. Perái, convite honesto tem que vir com aviso de intensidade emocional alcançável. Registrem aí para este vosso Sarau Literário Itinerante, avisem: a gaúcha é paulistana, mas arrancamos-lhe a casca! Convidei-os à minha casa. Aí estão os diamantes que Minas não cansa de produzir, vivos e autênticos do mais alto quilate. Será o ar, será a água, será o solo? Será a música de Thiago cutucando com as pontas dos dedos o coração da gente? E lá pelas tantas não satisfeitos de ler nas expressões dos presenteados presentes a estampa da admiração, arrastaram uma mesa para o centro da sala e sentaram-se em volta, como astronautas atemporais, talvez os que outrora pousaram na Ilha de Páscoa...vá lá... a ler trechos de Flora: amor e demência & outros contos, o último livro de autoria de Andreia Donadon com comentário no posfácio de Moacir Scliar e Angela Togeiro. Estiveram presentes, os presenteados com a papa fina da poesia de Mariana, Affonso Augusto Moreira Penna (bisneto do Presidente Affonso Penna), o Embaixador Darlan Tupinambá, que fez a doação de livros para o Poesia Viva - a poesia bate à sua Porta, a Secretária-Geral da UBE-São Paulo - Rosani Abou Adal, e o jornalista Luiz Avelima, a enciclopédia ambulante do activismo cultural brasileiro. A locomotiva, a idealizadora do projeto Poesia Viva - a poesia bate à sua porta, Andreia Donadon Leal, na ocasião ainda foi nomeada como Membro da UBE-São Paulo. O idílico ambiente da Casa das Rosas recebendo aldravistas - que combinação!

palavras são pumas
palavras são pedras
palavras são foices:
depende de nós
escolher
o que as palavras serão
em nossas bocas.
(Andreia Donadon Leal)

* Postado por Giane Pereira Soares no Blog:
<http://gianepereirasoes.blogspot.com/>

O eterno retorno renovado

José Luiz Foureaux de Souza Júnior
Ph.D. - Professor de Literatura Luso-Brasileira - UFOP

... o texto é lembrança de uma outra tela. Texto que se lembra de um texto anterior. O grau zero da es-critura não existe e talvez jamais tenha existido. A literatura é sempre de segundo grau, não em relação à vida ou à realidade social de que ela seria mimesis (Auerbach), mas em relação a ela mesma, e o plágio não é senão um caso particular dessa escritura sempre derivada de uma outra.
Michel Schneider, *Ladrões de palavras*

O título deste texto pode levar o seu leitor a um equívoco. Trata-se de um equívoco em nada grave e absolutamente saudável, para o exercício da leitura: aventura mais que agradável para quem a ela se dedica. Este equívoco se deve ao fato de que o meu objetivo é apresentar um quadro geral da ficção de Embla Rhodes, jovem escritor da “Manchester” mineira, que vai publicar em breve seu quarto romance: A farofa das Ides. Logo, logo, explico um pouco mais o porquê do equívoco, aqui mencionado. Antes, quero falar um pouco sobre casualidade. Sim, a casualidade que faz as pessoas experimentarem coisas inesperadas, fazer coisas insuspeitadas, manter-se informado sobre assuntos nunca antes pensados e mais, e mais.

O meu contato com Embla Rhodes segue o enredo destas casualidades. Sendo absolutamente sincero, não me recordo como foi o nosso primeiro contato. Ainda não nos encontramos pessoalmente, já nos falamos por telefone, e sempre nos escrevemos. Se estas não são oportunidades/situações para se conhecer uma pessoa, então não sei que nome dar... As facilidades da comunicação eletrônica fizeram com que eu, de certa forma, e em certa medida, tenha exercido um certo “domínio” sobre a obra deste escritor. Praticando um dos princípios operacionais da estética da recepção, tento, a cada livro que dele leio, visualizar o horizonte de expectativas, meu e da obra, estabelecendo um circuito de idéia, o que faz valorizar mais a obra que vai se consolidando a cada título. De maneira sucinta, pretendo, aqui, fazer uma apresentação mais ampla desta obra, com o intuito de, simultaneamente, incentivá-la, em sua continuidade e divulgá-la. Creio que esta é uma “obrigação” do leitor que, famigeradamente é alcunhado com o epíteto de “pre-parado”.

Os dois livros já publicados Aether e Viagem ao sol, sem muito exagero, podem ser considerados “herdeiros” da tradição dos romances policiais, no contexto da Literatura Brasileira. Da mesma forma o ainda inédito Hiperburguesia. Quase não tenho dúvida quanto à manutenção desse estatuto, no que se refere a A farofa das Ides, também inédito. Em linhas gerais, o romance policial é um tipo de narrativa que expõe uma investigação fictícia, ou seja, a superação metódica de um enigma ou a identificação de um fato ou pessoa, ambos misteriosos. Toda a narrativa policial apresenta um crime e alguém disposto a desvendá-lo, porém nem toda a narrativa em que esses elementos estão presentes pode ser considerada policial. Isto porque além da necessidade de um crime, é preciso também uma forma de articular a narrativa, de estabelecer a relação do detetive com o crime e com a narração. É nesta “articulação” que a peculiarida-

de da escrita de Embla Rhodes ganha consistência. Ao saltar do âmbito mais “estrito” da narrativa policialesca, sua dicção ficcional é marcada por uma abordagem de aspectos sociais, familiares, íntimos, existenciais mesmo de cada personagem. Sempre me lembro de Luiz Alfredo Garcia-Roza: e não estou apenas tentando estabelecer um paralelo valorativo. Falo mais fundo, falo de afinidades eletivas... do leitor!

A figura do detetive na narrativa policial deu-se por acaso, numa história que não tinha esse cunho. Trata-se de Zadig, o herói voltaireano que, aproveitando-se de seus dons de observação no episódio do desaparecimento da cadela da rainha e do cavalo do rei, é acusado de saber do paradeiro dos animais reais e escapa do exílio na Sibéria ao apresentar argumentos dotados de raciocínio lógico bastante convincente para provar ao júri que realmente não os vira, mas, apenas seus rastros deixados pela estrada. Sua lógica pode ser apontada pelos historiadores do gênero policial, como a avant-première do espírito de observação que marca a persona do detetive – denominação genérica e comum. De novo, a particularidade do romance de Embla Rhodes faz-se porta voz de uma espécie de eco: a voz narrativa assume, em suas histórias, de certa forma, a responsabilidade de encenar o detetive; ainda que possa ser identificada esta personagem, ao longo da trama. Na leitura que faço dos romances dele, sempre penso que esta perspectiva é muito evidente para ser deixada de lado.

É fato que, tradicionalmente, a narrativa policialesca tem como ponto de partida um enigma a ser desvendado. Não se pode negar o fato de que este gênero de narrativa oferece sempre duas histórias distintas: a do crime e a do inquérito, para usar de uma linguagem mais corriqueira. Nesta, pouca coisa acontece e os personagens encarregados da descoberta do criminoso, apenas observam e examinam os indícios deixados pelo assassino, não realizando nenhum tipo de ação fora dos limites da racionalização lógica. O relato da investigação geralmente fica a cargo de um companheiro do detetive. Nesse tipo de narrativa – ainda considerado o caráter “clássico” de sua possível tipificação –, o enredo se arma com base em cenas progressivas de suspense que desencadearão, ao final, a descoberta do criminoso. Durante a investigação, porém, nada que ponha em risco a integridade física do detetive poderá acontecer. Esta é uma das regras do gênero que postula a imunidade do detetive. Uma vez que as personagens nesse momento não agem, mas tiram conclusões sobre uma ação

CONTINUA NA PÁGINA 7...



CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO ➡ FONE: 99764673 ➡ ➡ ➡
Dra. ELIANE ISABELA BRANDÃO /// RUA ZIZINHA CAMELO, 06 // Sala - 04 = MARIANA/MG.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6...

passada, a narrativa é elaborada em forma de me-mória, diminuindo, em princípio, as possibilidades do detetive ser atacado ou morrer no desenrolar da história. A estrutura básica de todo romance de enigma clássico requer essas características, em cada uma das histórias contadas. Estrutura esta que enfatizará, não o crime da primeira história, mas a forma de investigação do detetive sobre a ação passada e a forma de condução do inquérito da segunda estória.

Mais uma vez, nota-se o traço particular da escrita de Embla Rhodes: a rasura que sua narrativa deixa na página “clássica” do romance policialesco. Esta peculiaridade, a meu ver, se deve ao fato de que o autor mistura algumas variantes narrativas não encontradas no romance policial tradicional. Pelo menos, da maneira como estas mesmas variantes são tratadas aqui e lá. Refiro-me, especificamente, à intromissão do e no mundo acadêmico – como é o caso em Aether e Viagem ao sol –, na mesma medida em que se pode percebê-lo, no que se refere à sociedade dita burguesa e familiar – no caso de Hiperburguesia e A farofa das Ides. Não se trata de alocar esses espaços como meros cenários narrativos em que a ação decorre. Sua “presença” constitui elemento orgânico do discurso narrativo, dado que elementos constitutivos de cada um desses estratos sociais é o elemento-chave para a elucidação dos crimes. Sim, dos crimes, no plural. Uma vez que não se trata apenas de romances “policiais” tout court, essa variante do gênero inova pela incorporação de universos, digamos, paralelos, na composição da cena narrativa. A maneira como o autor desenvolve os diálogos e a sua experiência pessoal, em alguns casos dão um sabor especial às histórias. Penso que este é um elemento determinante para a identidade própria da obra do escritor de Juiz de Fora.

É necessário fazer uma pequena digressão. Quando afirmo acima a interferência da “experiência pessoal” do escritor, na composição de sua trama e no desenvolvimento do discurso narrativo de sua ficção, não estou afirmando que se trata de um “romance policial autobiográfico”. Isso seria superficial e ingênuo demais. No entanto, com o contato até agora mantido com o autor, posso afirmar que ele faz um exercício feliz de construção romanesca, utilizando como um de seus ingredientes principais a sua experiência pessoal: uma espécie de conhecimento dos fatos (não ficcionais, evidentemente). Alguém poderia mencionar a “fabulação”, como termo a ser utilizado para identificar esse processo criativo. Considero redutor este termo. Por outro lado, o termo “autobiográfico” também não é um adjetivo adequado. O que quero dizer é que a as obras de Embla Rhodes transcendem o mero traço autobiográfico, sem, no entanto, “inventar”, no sentido mais fantasioso do termo, sobre eles. Lembro aqui o conceito aristotélico de verossimilhança, tão combatido, e, no entanto, tão “essencial” à arte narrativa. Em uma frase: é esta mesma verossimilhança que é celebrada pelo autor sem sua escrita, sem, no entanto, provocar uma redução sem eu discurso. A narrativa de Embla Rhodes inova, portanto, nesse sentido.

Tal característica já se encontra em Fugas e luxúria. Livro de estréia, até onde eu sei, oferece ao leitor alguns elementos que serão retomados, retrabalhados e aprofundados nas obras subsequentes. Obra desigual – não se pode dizer que haja unidade temática e/ou estrutural entre os contos que o compõem – as histórias contadas já apontam para os universos ficcionais de predileção do autor. Com isso, não quero afirmar que a

tal de “unidade temática” seja conditio sine qua non para uma valorização positiva de um livro de contos. Obviamente que não! No entanto, é necessário destacar a passagem que ocorre entre esse livro de estréia e o que segue. Principalmente pela criação de Augusto Steiner, um alter ego sedutor e trágico, convincente e instigante. Só lendo Viagem ao sol e Aether para se dar conta dessas características.

A natureza dos romances policiais está igualmente relacionada às funções da literatura de massa e às forças que operam sob a sociedade burguesa. Os problemas humanos e os crimes transformados em “mistérios” que possam ser solucionados representam uma tendência comportamental e ideológica típica do capitalismo. De novo, percebe-se que Embla Rhodes está bem “calçado”. Sua obra não apenas é herdeira desta tradição como dialoga com ela, atualizando assuntos, polemizando “tradições” e questionando “verdades” que antes eram tomadas como insofismáveis. É o que também se percebe quando se toma em consideração outra característica do gênero e origem. Ou seja, o fato de que o romance policial também demonstra que, não pode haver crime perfeito, logo, ilegalidade sem punição. Na ficção romanesca, não haveria lugar para a impunidade, já que a ordem social concebe o delito como uma anomalia, uma violação da lei. A principal função ideológica na literatura policial é a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como um ser estranho à razão natural da ordem social, ela faz parte de uma pedagogia do poder que, através da diferenciação das citadas ilegalidades, define a delinquência. O criminoso, geralmente, é alguém que não se enquadra na ordem social, sendo por isto necessário identificá-lo e puni-lo. Com efeito, a narrativa policial segue uma ordem de descoberta, tendo como ponto de partida um fato extraordinário. Talvez fosse o caso de enfocar a leitura dos romances de Embla Rhodes a partir desse axioma do gênero clássico policialesco, temperando-a com um pouco de malícia e boa dose de ironia, ainda que no mais das vezes implícita de suas narrativas.

O universo do romance policial é permeado por esses vários elementos: medo, mistério, investigação, curiosidade, assombro, inquietação, que são dosados de acordo com os autores e as épocas. Através da palavra, o medo se torna uma tortura da imaginação e estabelece uma relação poética entre narrador e leitor. O mundo é, dessa forma, uma fonte de inspiração literária, visto que, mistérios sempre existiram desde os primórdios da história da humanidade. A raiz metafísica deste gênero está na necessidade humana de eliminar a angústia e o sofrimento que nos dominam enquanto não atingimos a compreensão de uma determinada situação de mistério. O temor diante do desconhecido e o espanto como resultado da dissolução de um enigma são traços pertinentes à própria psicologia humana.

Em toda investigação racionalmente conduzida, há, em germe, traços do romance policial. Tudo isso se aplica de maneira notável e admirável à narrativa de Embla Rhodes. Lembre-se, sempre, de que não se trata de romances policiais *au pied de la lettre*, como insisti em afirmá-lo. No entanto, faz jus a esta associação com a faceta tradicional do gênero narrativo a que inegavelmente se filia.

Com estratégias cada vez mais sofisticadas, o romance policial começa a apresentar charadas com o intuito de aumentar o interesse do leitor a partir do momento em que ele sente-se incapaz de desvendar o mistério sozinho. A partir daí, o romance policial começa a ser tratado como uma espécie de jogo. Aether e Viagem ao sol fazem isso no universo acadêmico da Física. Poder, sedução, reconhecimento, inveja e estratégia definem um curso narrativo que põe em questão, tanto as “verdades”

acadêmicas, quanto as “verdades” existenciais das personagens. Em outro contexto, a sociedade como um todo, no caso de Hiperburguesia; ou em seus círculos mais “íntimos” ou nucleares, como a família em A farofa das Ides; desempenha esse mesmo papel de eixo de orientação de discussões subliminares que costumam a narrativa em suas reviravoltas aparentemente – e apenas assim – mirabolantes.

Recentemente escrevi para alguns editores, recomendando a obra de Embla Rhodes. A recomendação, neste caso, vale pela obra e seu autor, muito mais que pelo “quem recomenda”, é claro! Disse que conheço a obra desse escritor desde seu primeiro livro. Já colaborei com as orelhas de uma de suas edições. O fato de conhecê-lo só faz ratificar a opinião que tenho de sua obra. Diferentemente do que se poderia dizer de um autor “novo”, trata-se de talento praticamente lapidado, senhor de uma técnica narrativa cativante que consegue superar limites entre gêneros e temas, provocando o leitor à elaboração mental de discursos e imagens, sem se deixar enredar em esquemas mercadológicos e/ou de fácil sedução.

A herança “policial” de seus romances não fica a dever aos mestres do gênero, mas, de certa forma, os supera – como seria de esperar de um “discípulo” aplicado e talentoso. Mais uma vez, a escrita de Embla não pode ser reduzida a uma simples “aplicação” de princípios narrativos do romance policial. A atualidade dos temas enredados, a marca pessoal de suas personagens e a infinita capacidade da ficção de ajudar o leitor a construir seus mundos narrativos, enquanto lê, faz da obra de Embla Rhodes um “sopro de vida”. No que se convencionou chamar de “vida literária”.

Claro está que não se pode “afirmar” com certeza e segurança absolutas que um escritor está “pronto”. A discussão é longa. No entanto, a maturidade desse autor me assegura a convicção de que merece figurar no quadro de qualquer editora gabaritada. Prova disso é a diferença que se nota entre seu primeiro livro Fugas e luxúria e sua última obra, ainda inédita, A farofa das Ides. Este eu ainda não terminei de ler, mas já sinto a mesma “reação” antes experimentada. Profissional da escrita que é, o autor já teve uma de suas obras indicadas para o prêmio Nobel, o que não é pouco.

Sou professor de Literatura Luso-Brasileira da Universidade Federal de Ouro Preto, atualmente trabalhando como professor visitante (Leitor de Português) na Universidade de Zagreb (Croácia). Sinto-me suficientemente seguro e convicto para sustentar o que aqui vai escrito. Leitor e incentivador de Embla Rhodes, a mim agradaria imensamente vê-lo ombrear nomes como Luiz Alfredo Garcia-Roza, Rubem Fonseca, Milton Hatoum, Bernardo Carvalho, Wilson Bueno e outros, no quadro de uma editora conceituada. Neste sentido, o conjunto de obras de Embla Rhodes pode ser considerado um excelente cabedal narrativo, suficiente para colocá-lo “no circuito”, como se costuma dizer.

Uma nota, para terminar: todo romance, por mais que seu autor tenha desejado algo diferente, tem um “quê” de policial. A trama, a construção das personagens, o enredo, o jogo temporal – na sua inumerável gama de variações e facetas – coloca o autor numa posição de romancista policial. Por outro lado, coloca o leitor na posição de um detetive, à procura dos rastros, fragmentos, evidências... de sentido. Dizer que existe um único sentido não é mesmo um “crime”?! ■

Página 8